

# MÁRIO VENTURA fala-nos de «A NOITE DA VERGONHA» e «OS ANJOS PERDIDOS»

Mário Ventura Henriques, jovem jornalista, surge, de chofoe, nas letras portuguesas com um belo romance, um livro de alarme, uma tomada de consciência, cujo título é «A Noite da Vergonha».

Obra ainda, em parte, imatura? Talvez. Mas, sem dúvida, uma magnífica revelação de talento, a certeza de uma irresistível vocação de ficcionista e (o que não conta menos para nós, até porque não há obra válida e duradoura, se por detrás dela não estiver um homem a sério, com alguma medida de grandeza) a expressão forte de um carácter.

«A Noite da Vergonha» trata dos dramas de uma juventude plena de interrogações e descontentamentos, e das soluções que ela vislumbra. Páginas onde a angústia, que ao longo de uma viagem de comboio se nos desvenda pouco a pouco, não anula a delicadeza lírica, genuinamente lusitana.

A personagem central — Ramiro — interroga-se com lucidez sobre a origem e a qualidade das suas reacções; desmistifica-se aos seus próprios olhos; e é na convicção de não ser um herói, mas um homem como outro qualquer, que chega, de facto, aos gestos linearmente heróicos.

Obra amarga, algumas vezes

dura, mas, no entanto, iluminada por um clamor de esperança.

É o próprio Mário Ventura que, a nosso pedido, diz ao nosso público o que do seu romance lhe parece essencial:

— «A Noite da Vergonha» retrata um jovem num determinado momento da sua existência: o de uma viagem de comboio entre Lisboa e Porto. Pela perspectiva do seu estado de espírito anormal, motivado pela consciência de uma responsabilidade que lhe rouba o equilíbrio mental, são dados fragmentos da sua vida passada e presente que explicam a sua angústia, as suas dúvidas, o louco e decidido abandono a tudo o que seja perigo e insegurança. Num mundo incerto e confuso — incerto pelo ignoto que representa o dia imediato, confuso pelas inúmeras tentações de fadabilidade de reflexo desse mesmo mundo e procura, apesar da luta contra todas as forças normais que lhe são opostas, encontrar o rumo «anormal» mas certo. Conseguilo-lo? Ele sabe que não, que será sempre como se buscasse a perfeição, algo «que não é mais do que o esforço que tende para elas»: uma luta permanente, semeada de constantes vitórias e derrotas, sem outra consolação que não seja a



Mário Ventura

das certezas em relação ao futuro. O Ramiro do meu livro revela-se, mau grado tudo, coerente com a sua época — porque, como ela, revolta, insatisfeito, transformando-se perpetuamente — e convicto de que são apenas fósseis os que aguardam resignadamente, pacientemente, alegremente, até, o passo final. «Herói do nosso tempo», gostaria eu de lhe chamar, se tivesse a certeza de consubstanciar na sua figura aquilo que eu penso que faz o herói do nosso mundo na nossa

época. Um herói forjado, segundo as palavras de Hegel, numa «empresa nacional, na qual possa exprimir-se a totalidade do espírito nacional, ainda na primeira frescura do seu estado heróico». O comboio onde a acção se situa é um símbolo: do movimento constante que anima todas as coisas e permanentemente as transforma. Durante a viagem Ramiro evolui — sobretudo no sentido de uma maior consciência e, consequentemente, fortalecimento das suas posições — como evolui a jovem — ainda somente numa fase de esclarecimento — com quem se defronta a partir de certa altura, ambos debatendo-se entre as forças de um imobilismo que se esforça por retê-los no passado, e a agitação confusa, mas saudável, que lhes oferecem os caminhos do mundo. Lograram eles vencer o caos das contradições e realizar a síntese que os libertará e colocará definitivamente no caminho do futuro? É uma interrogação cuja resposta só pertence ao seu próprio futuro.

— Como encara o actual momento da literatura portuguesa?

— A nossa literatura atravessa um período de vitalidade, pelo número, variedade e valor de uma parte, das suas experiências. Todos os anos novos escritores fazem o seu aparecimento, em número suficiente para permitir a continuidade de alguns; dos já consagrados, vários adquiriram um sentido de profissionalismo que se traduz pela presença mais frequente nos escaparates; vendem-se e, por consequência, têm-se mais livros; e o ofício da crítica, mau grado as limitações que se opõem ao seu perfeito desempenho, constitui já em grande parte um elemento valioso de esclarecimento, tanto dos escritores como do próprio público. Quanto aos caminhos que os frutos da actividade dos nossos escritores podem denunciar, penso que todas as tentativas, direi mesmo, todas as experiências, são válidas e importantes desde que informadas do espírito de ho-

nestidade que deve ser a característica primeira de toda a actividade literária. É isto, infelizmente, que muitas vezes não se verifica, submetido aquele espírito à pressão (qual foi o novo que já não sentiu a pressão de publicar), ao desejo de exibicionismo, estimulado pelas práticas publicitárias; à falta de conteúdo humano de muitas obras, é, em consequência, a cuidadosidade do «nada para dizer», não raro mascarada pelo jogo verbal, pela ironia sem objectivo ou pela falsa originalidade. Todas as experiências são válidas, repito, e mesmo na variedade se pode constatar a riqueza ou pujança de uma literatura. É no contacto com o público que, mais tarde ou mais cedo, se faz a prova do valor peregrino da obra de arte, muitas vezes, até, com manifesto desprezo pelo julgamento crítico que se revela, assim, falível ou inoperante.

Por outro lado, descreio cada vez mais dos que teorizam colocando o caso literário português numa situação de permanente — eles dizem mesmo eterna — dependência das modas importadas, atitude a que não será alheio, em seu entender, o nosso provincianismo, e que só poderá significar-se por uma falta vital de originalidade, possibilidades criadoras, autenticidade. A acreditar nesse conceito, que, pelo seu carácter de previsão, anularia todas as perspectivas para o futuro, a literatura portuguesa nunca sairá da sua mediania, à qual, chegamos a crer, seria preferível uma humilde abstenção. E talvez por isto que muitos dos que assim pensam se obstinam na fidelidade a fórmulas passadistas, de nenhuma validade no presente e muito menos no futuro. Os que assim profetizam esquecem-se das condições que noutros países — não são muitos, afinal, os privilegiados — propiciaram uma evolução mais certa, um cariz mais rápido da meta ou, o que é mais natural, um cosmopolitismo, uma universalidade resultante dos contributos mais diversos de todo o mundo.

(Continua na página 10)

## ALEXANDRE PINHEIRO TORRES responde a VERGÍLIO FERREIRA

### NA TENDA DE ABRACADABRA

«... não me parece muito prático ter apenas lá na tenda catecismos para parolos»

(Vergílio Ferreira in Resposta a Pinheiro Torres, o Pobre)

1 — Diz Vergílio Ferreira, no último número deste jornal, que foi com surpresa sua e de muitos outros leitores (?) que eu me referi «largamente, e com manifesto desgosto» a alguns livros seus. Pois foi sem surpresa nenhuma que eu li o seu desabafo, porque:

a) ao crítico que aprecia desfavoravelmente os seus livros, negam eles (os autores) sempre intelligência e cultura...».

(João Pedro de Andrade)

b) «...V. Ex.<sup>a</sup> que acompanha certamente o movimento literário do nosso país, deve ter reparado nesta coisa conflagradora: perdeu-se não só o HÁBITO como a própria noção de crítica. Alguns jornais mantêm uma secção encimada pelo título «crítica» ou palavra afim. Esta secção destina-se a publicar os elogios dos

livros que saem e principalmente, com retrato ou sem retrato, o elogio dos seus autores...».

(Mário Dionísio)

c) «Quando o crítico diz bem é «bestial», quando diz mal é uma «besta».

(parafrazeando Cândido de Oliveira)

d) «...por obediência àquele tal primeiro protesto instintivo que os criticados sentem ante o facto INESPERADO de não se verem simplesmente aplaudidos».

(Mário Dionísio)

(Etc., etc., etc., a ladaíinha é a mesma aqui e noutras laticitudes).

Por estes motivos a respos-

ta de Vergílio Ferreira não me surpreende.

2 — Onde é que reside a razão profunda do seu pressuroso desabafo? Ele o revela: chegara-lhe a notícia «terrorista» de que o temeroso Inquisidor (que sou eu, ao que parece) lhe reservava uma «tunda pessoal». Vergílio Ferreira soube, com efeito, que eu entregara à *Seara Nova* o primeiro de uma série de artigos, sob o título geral de *Sob o Signo do Mistério*, em que eu analisava e criticava aspectos dos romances *Aparição* e *Estrela Polar*. Vergílio Ferreira deve ter tomado a nuvem por Juno. Parece que, pelo menos, ficou assustado. Eu e muito boa gente poderíamos agora julgar que o seu desabafo se destinaria a funcionar como uma espécie de LANCE DE ANTECIPAÇÃO para me desautorizar ou

(Continua na página 10)

## A ACTIVIDADE DA FUNDAÇÃO FORD EM BERLIM

A Fundação Ford tornou público um programa de três anos para fortalecimento da importância artística, educativa e cultural de Berlim Oeste. Ao mesmo tempo nomeou o antigo embaixador dos E.U.A. na República Federal e antigo presidente da Universidade de Harvard, dr. James Conant, para seu consultor em questões de educação na Europa, com domicílio em Berlim.

O programa cultural da Fundação Ford para Berlim Ocidental prevê bolsas de estudo para 20 compositores, maestros, pintores e autores literários de relevo, de todas as partes do mundo, os quais devem trabalhar em Berlim. Além disso, pelo menos 60 artistas e es-

critores bem dotados da Europa e do Ultramar terão ocasião de estudar em Berlim.

Centros de educação modernos deverão ser instituídos em Berlim. Ai devem ser experimentados modernos métodos de ensino e empreendidas experiências pedagógicas para desenvolver as escolas educativas alemãs, europeias e mundiais.

Devem também ser instituídos seminários de estudo para ópera, música, romance e outras formas de arte.

Ao mesmo tempo, deu a Fundação Ford a conhecer que, com o seu auxílio, está sendo criado um Instituto de Estudos Americanos na Universidade Livre em Berlim.



# MÁRIO VENTURA: «A EVASÃO MAIS NÃO SIGNIFICA DO QUE A NEGAÇÃO DO MUNDO»

(Continuação da pág. 7)

Mas esqueceu-se também (e essa a sua maior falta pela ausência de perspectivas que reflete) de que o atraso nunca é irremediável, que o atraso não é uma fatalidade, seja qual for a sua natureza, sejam quais forem as fórmulas de que se lance mãos para o eliminar. Quanto ao tal provincianismo, acho saborosíssima a formação de Joel Serrão, neste mesmo jornal, de que «provincianismo em Portugal, considerado em perspectiva sociológica e cultural, (...) existe agora e continuará a existir como, aliás, em todos os países em que haja... províncias».

— Quais os movimentos literários dominantes entre nós, na sua opinião? Que pensa do novo-romance?

— O neo-realismo continua a dominar a cena literária portuguesa, mais, talvez, do que pelos frutos produzidos, pela sua posição em face da existência, a posição que se adapta a determinado meio e

a determinada época, e que no público a que se dirige encontra o melhor apoio: pela persistência do seu esforço, perfeitamente natural se atendermos a que nunca foi realmente uma moda em literatura nem mesmo se trata de uma corrente literária, mas, antes uma forma nova e progressiva de encarnar o homem e os seus problemas; e, sobretudo facto que demonstra soberanamente as suas possibilidades pela evolução a que se tem submetido e que é sua condição, ao invés de ser, como muitos pensam, a sua transmutação. Parecem-se ser já apenas simples curiosidades, com o valor de tal, os argumentos aduzidos em torno da «abstenção». Cada vez mais, o escritor, mesmo quando seja outra a sua intenção, é levado a preocupar-se com a generosidade dos indivíduos, a seleccionar estruturas e a repudiar as que a sua formação lhe impede, de aceitar, a atender aos factores sociais e económicos, a participar, em suma. Cada vez mais; possui-o a consciência

de que a abstenção implica o apoio do «status quo». A evasão, já alguém o disse, mais não significa do que a negação do mundo.

Quanto à sua pergunta sobre o novo-romance, penso que este se afirmou primeiramente entre nós pela propaganda das suas ideias, e só depois se concretizou — mas de forma insuficiente, segundo creio — em obras demonstrativas da sua capacidade e valor. Contudo, capacidade e valor do novo-romance português são coisas que não puderam ainda apreciar-se devidamente, já que os seus testemunhos começaram por falhar no seu objectivo de ser e se integrem em algo. Penso, até, que algumas obras de grandes qualidades sofreram pelo facto de os seus autores terem desejado fazer obra para lhe colocar determinado rótulo. De qualquer forma, porém, é um problema que mal chegou a pôr-se e não durará sequer o suficiente para se apreciar da audiência que o público lhe reservará. E

note que o nosso caso não é particular. De cerca de cinquenta novos escritores franceses que publicaram o seu primeiro livro em Setembro do ano transacto, apenas dois ou três confessaram dever algo ao movimento do «Nouveau-Roman». A esmagadora maioria encara-o como um dos movimentos necessários à evolução da escrita, e que, como todo o movimento, deve ser ultrapassado. Para o jovem escritor francês, o problema não consiste em seguir o «nouveau-roman», mas em ir mais longe. Dissolução e desorganização são, quanto a mim, as características deste movimento que se ajusta irremediavelmente do realismo válido para todos os homens. Quanto à técnica... Não há dúvida de que nesse domínio o «Nouveau-roman» nos ofereceu experiências admiráveis. Mas não será verdade que a técnica deve estar cada vez mais ao serviço do que se pretende dizer? Uma técnica pode submeter-se a um contexto; deve,

pelo contrário, adaptar-se às suas exigências.

— Quais os seus projectos literários?

— Tenho concluído um romance, com o título, talvez definitivo, «Os Anjos Perdidos», que pretende ser uma desmistificação dos rótulos com que constantemente se pretendem classificar a juventude. E o romance de uma crise da juventude que, apesar dos momentos difíceis por que está a passar, se encontra já voltada para o futuro num desejo intenso de transformação, mesmo quando nada a orienta ou estimula.

Por outro lado, continuo a meter, talvez ainda por muito tempo, numa peça de teatro, «O Novo Homem». Mas é muito difícil escrever teatro, que exige, em meu entender, uma longa aprendizagem. Aliás, a ideia de escrever esta peça surgiu-me em função do seu tema, que eu só poderia tratar de forma conveniente nos moldes do teatro.

## RESPOSTA A VERGÍLIO FERREIRA

(Continuação da pág. 7)

retirar efeito ao referido artigo (redigido em Dezembro de 1962), quando ele aparecer na *Seara Nova* (Março de 1963). Será assim? O público que julgue.

3 — Vergílio Ferreira vem empregar a velha rábula do crítico ser um artista falhado. Esta sua frase encerra uma lógica profunda: «Em face do talento excepcional de Almeida Faria, Alexandre Pinheiro Torres, pelo menos como artista, é evidentemente medíocre». Claro que também não me surpreendo que, depois de declarar que não é crítico, emita juízo de valor, pelo menos em relação à minha obra poética. Para o meu caso particular, resolveu fazer uma *perninha*. Mas deixem-me perguntar: se Vergílio Ferreira se ilude com a frase que está aposta na contra-capa da 2.ª edição de *Aparição*, frase que reza assim: «eis-nos, sem dúvida, perante um dos romances mais notáveis escritos em língua portuguesa depois de *Éça de Queirós*», não acha que eu poderia também iludir-me com uma frase do mesmo crítico que reza: «Alexandre Pinheiro Torres representa pelo menos em relação à poesia de hoje (1950) uma posição tanto ou mais avançada do que a de José Régio em relação à poesia de ontem?»

Se não são frases deste género que fazem as reputações, também não são as pressurosas surpresas dos autores agravados que desfazem, assim por dá cá aquela palha, a

reputação, maior ou menor, que possa ter a obra artística daqueles que os criticaram.

4 — Ah! Era também de esperar que me designasse por *cristão-novo do neo-realismo*. Dirá ele isso por ser bastante mais velho do que eu? Há aqui um equívoco: o único convertido, o único *cristão-novo* é Vergílio Ferreira que ainda não há muitos anos desatou a ler por outra partitura. O racionalismo diamântico do neo-realismo terá, passado, nessa ocasião a ser classificada de «catecismo para parolos». Fez-se, então, *cristão-novo* do existencialismo. Iniciou-se na linguagem místico-esotérica fornecida pela Tenda de Abracadabra. Donde se conclui que há uma data de gente que está mesmo a precisar de ir para Évora...

5 — Quanto a *catecismos*, confesso que fui infeliz. Imagine-se que antes de ter feito um curso de Histórico-Filosóficas e ter acompanhado parcialmente um de Românicas, andei cinco anos a estudar Física e Matemática Superiores na Faculdade de Ciências do Porto. Envolvido pelo Cálculo Infinitesimal, Mecânica Racional, etc., etc., nunca me veio parar às mãos a Cartilha dos Misticismos. Ainda para cúmulo, calcule-se!, tinha a mania de ler os neo-positivistas, e, a três ou quatro anos de distância, rejubilava com as lições de anti-metafisicismo que haviam sido, em inúmeros artigos, ministradas por Abel Salazar. Este meu

Mestre (tê-lo-á sido de V. F.?) divulgava o Carnap e o Hans Driesch, descrevendo a maneira como eles desfaziam as *metafisicas do capricho*. Julgo, pois, que a designação de *catecismo* se aplicaria com mais rigor à cultura preliminar de um Seminário que ao tipo de raciocínio científico de um curso de Matemática ou Física Superior. Mas reconheço que a minha preparação à base das ciências exactas foi péssima...

Por esta via — dou a mão à palmatória — é que virei costas à Tenda de Abracadabra. Mas do catecismo para parolos (um dos primeiros que li) comprado na tenda onde pontificava o referido Abel Salazar, ainda conservo esta folhinha que inven-

tariava a existência da Tenda de Abracadabra, a tal de que o Vergílio Ferreira se fez *cristão-novo*. O texto para o caso assenta como uma luva. Senão, veja-se: «Os nevoeiros metafísicos fazem nascer Platõeinhos como tortulhos. Há-os por toda a parte, venenosos ou comestíveis, em todos os campos e searas, nos madeiramentos de toda a engenhoca social. Platõeinhos e Plotinozinhos de botica, de café, de jornal e de revista, de catrapácio ou artigo de fundo, de cátedra e de conferência. Uma verdadeira Tortulheira. todos os gostos. E entrar e escolher. É sobretudo o *Plotinozinho* que impera. Com *hipóstases* ou sem *hipóstases*, com *ascensões* ou sem *ascensões*, assados, fritos, cozidos, em molho de *mayonnaise*, ou com molho vilão, eis-nos na grande culinária místico-metafísico-teosófica-hermética, com *iluminação* ou sem *iluminação*, com ou sem escorpiões encantados... E é este cansado chá de Plotino que hoje nos servem, sem o saber, os nossos Plotinozinhos de

Um verdadeiro *bric-à-brac*: porque os há estilo Luis XV, Renascença, medieval e arcaico. Com pó e sem pó: com caruncho e sem caruncho; restaurados e por restaurar, para trazer por casa. E, eis assim, OS NOSSOS PLOTINOZINHOS ELEVADOS NADA MENOS QUE À CATEGORIA DE EXPONENCIAIS HISTÓRICAS... como os tortulhos o são da putrefacção.

Abel Salazar parece que também se dava «ao luxo de uns toquezinhos de facécia» a percorrer-lhe «toda a prosa como uma cócega». Enfim, o meu mal vem de longe. Disso me penitencio. Não ter eu antes entrado pela porta da Tenda de Abracadabra, para deixar de ser parolo, e conhecer as delícias das «mixifórdias metafísico-poético-místico-filosófico-polémico-lírico-patéticas», segundo a classificação respeitosa daquele Mestre, o primeiro a meter-me um *catecismo* na mão?!...

6 — Que concluir? Que Vergílio Ferreira

a) Vem, «como criticado», usar os velhos processos «tra-dicionais»;

b) Que tais processos visam a pôr em acção o FOGO DE BARRAGEM PARA IMPEDIR O LIVRE EXERCÍCIO DA CRÍTICA, visam à INTIMIDAÇÃO para MANTER O LAGO CALMO DO PRESTÍGIO e evitar críticas posteriores;

c) Que, entretanto, como compensação derradeira vai-se «aliviando» chamando-me o «pobre Torres», ou «Torres, o Pobre», o que segundo a linguagem dos curas da aldeia não é pejorativo. E antes um conforto:

assim o entende o

Alexandre Pinheiro Torres

## Questionário de PROUST

(Continuação da pág. 8)

— O que mais detesta no homem?

— A falta de generosidade moral, acima de tudo.

— A reforma política que mais ambicionaria Mundo?

— A que permitisse a todo o ser humano sem excepção viver modestamente.

— O dom da natureza que mais gostaria de possuir?

— A inteligência sob as suas múltiplas formas — em seguida, a beleza.

— Como desejaria morrer?

— Pouco me importa, mas «antes» dos meus e da forma que menos fizesse sofrer aqueles que me chorarem.

— Estado presente do seu espírito?

— Confuso. A sensação de que quanto mais envelheço, mais aprendo, menos consigo compreender; a de não estar de acordo nem com os outros nem comigo própria.

— A sua divisa?

— «A harmonia», sacrificar muito a favor da harmonia.